

Medicina tradicional carece de purificação das fileiras

OS médicos tradicionais defendem que a falta de regulamentação da actividade abre espaço para o florescimento de oportunistas que usam métodos fora do comum, incluindo o recurso à caça de pessoas com problemas de pigmentação da pele.



Médicos tradicionais marcam a sua posição contra a morte de albinos

De modo a inverter o cenário, os profissionais da medicina tradicional defendem a aprovação urgente da proposta de criação do Conselho Nacional de Medicina Tradicional, que já foi submetida ao Gabinete do Primeiro-Ministro.

Caso seja instituído, o órgão deverá zelar pela observância dos códigos de conduta e princípios que norteiam a medicina tradicional.

Os médicos tradicionais decidiram em conferência de imprensa, ontem na capital moçambicana, quebrar o silêncio e se distanciar da onda de raptos e assassinatos de pessoas portadoras do albinismo, cujos membros do corpo são supostamente usados em rituais mágicos.

A classe afirma que a sua profissão está a ser manchada pela conotação com os crimes

hediondos, no entanto reiteram que estes actos macabros não se compadecem com os usos e costumes da medicina tradicional praticada em Moçambique.

O porta-voz das associações de medicina tradicional e alternativa, Azevedo Baptista, disse que a recente onda de assassinatos de pessoas albinas tem sido protagonizada por alguns médicos tradicionais estrangeiros, que desconhecem as tradições moçambicanas.

"Não é nossa prática o uso de órgãos humanos na medicina tradicional para curar, enriquecer ou qualquer outro fim. Os casos que acontecem constituem uma preocupação, porque existem muitas medecinas alternativas emergentes no país", disse.

Os médicos tradicionais reconheceram a incapacidade de controlar e fiscalizar as acções dos praticantes da medicina

tradicional oriundos de outros países e pedem a intervenção do governo na acção de monitoria.

Estes vão mais longe e acusam alguns órgãos de poder local de estar a autorizar a actividade de médicos tradicionais estrangeiros sem o consentimento da Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique (AMETRAMO) e do Instituto de Medicina Tradicional, entidades gestoras da actividade.

"O que é comum é que estas pessoas não contactam as nossas associações e trazem documentos dos municípios e das administrações. É verdade que estas instituições são reguladoras, mas não sabem nada daquilo que são hábitos e práticas de medicina tradicional", explicou.

Para manifestar o repúdio à matança de albinos as associações de medicina tradicional e alternativa vão realizar uma mar-

cha à escala nacional no próximo dia 2 de Julho. As associações prometem intensificar acções e expor os falsos praticantes da medicina tradicional nos próximos tempos.

Entretanto, a população albina tem vivido momentos de pânico e incerteza por conta das mortes sucessivas de que são alvos. Este sentimento foi manifestado por Lourenço Timba, representante da Associação Defendendo os Nossos Direitos (ADODES), que advoga a protecção dos albinos.

"Vivemos na base de uma incerteza porque há várias famílias e vários encarregados que temem que de um dia para o outro podem perder os seus filhos e seus pais. Vivemos um momento de terror" destacou.

O nosso entrevistado avança que a solução do fenómeno não se resume ao reforço das penas

de prisão dos autores dos crimes mas também pela divulgação de informação e conhecimento sobre o albinismo, com vista a combater a discriminação.

"É preciso levar a mensagem às comunidades, porque percebemos que esta onda de raptos é um problema, mas o maior de todos é a discriminação da pessoa albina, que provém da falta de conhecimento. É preciso que as pessoas saibam que os albinos não possuem propriedades mágicas" disse.

PUBLICIDADE